COM APPROVAÇÃO DA AUCTORIDADE DIOCESANA

José F. Bravo.

A ESCOLA SEM DEUS

I

Estado da questão. — Sua extraordinaria importancia.

A questão sobre a qual eu quizera diffundir alguma luz, para fazel-a comprehender bem pelos paes e mães de familia, resume-se no seguinte:

A escola aonde enviamos nossos filhos para receberem a instrucção primaria, deve ser christã, e ajudar assim, a Egreja a formar christãos, ou bem, não deve occupar-se para nada da Religião, e deixar este cuidado exclusivamente ao sacerdote e aos paes?

A escola deve ser christã ou deve ser sem religião?

Qual é a solução do problema?

Sois christãos? Crêdes em Deus, em Jesus Christo e em sua Egreja? Ou bem, sois o que se chama hoje incredulos, quero dizer,

homens que vivem sem religião, separados de Jesus Christo e da Egreja, e que erigem em principio que a sociedade deve proceder como elles? Tudo depende d'isso.

Si sois christãos, quereis sem duvida que vosso filho seja e permaneça christão. Portanto deveis desejar que a escola para onde mandeis vosso filho vos ajude a fazer d'elle um christão. Deveis querer e quereis que o mestre ou a mestra a quem confiais vosso filho, não sómente não o arrebate da fé de seu baptismo, sinão que coopere emquanto lhe fôr possivel á grande obra de sua educação, a qual deve ser christã ante tudo, pois todo o christão é christão ante tudo.

Para os paes e mães christãos, a questão da escola que tanto se agita em nossos dias, não tem pois mais que uma solução possivel, logica e razoavel. «Sim, a escola onde fazemos que seja educado nosso filho deve ser christã. Deve ajudar-nos a fazer de nosso filho um christão.»

Para os incredulos e livres-pensadores, a solução é de todo opposta; e respondem

pela voz de seus diarios, de seus deputados, de seus correligionarios e de seus conselhos municipaes: «Não queremos escolas christãs; queremos que a escola para onde enviamos nossos filhos seja como nós outros, sem Deus, sem religião.»

Quem se equivoca? Os christãos ou os incredulos? Si os paes christãos estiveram em erro, si Jesus Christo não fôra o verdadeiro Deus vivo, a quem todo o christão deve obedecer, si a Egreja não fosse sua enviada, encarregada por Elle de salvar e santificar os homens, é bem evidente que os homens incredulos teriam razão de não querer religião na escola ou em qualquer outra parte; seriam logicos, e nós seriamos absurdos, cégos e estupidos.

Por felicidade nossa, e por desgraça d'elles, os incredulos estão em erro.

Sabendo ou não, de boa ou de má fé, declaram guerra ao verdadeiro Deus; desconhecem ou ao menos ignoram a Jesus Christo e a sua Egreja; acclamam o que deveriam maldizer.

Repito-o: na grande questão da escola christã ou não christã, a solução depende inteiramente do ponto de vista em que cada um se colloca; da crença ou incredulidade dos que d'ella se occupam. Para ter a solução verdadeira, unica verdadeira, é indispensavel subir mais alto, e resolver previamente esta triplice questão, da qual depende toda a vida. Ha um Deus e uma religião verdadeira? Jesus Christo é Deus? A Egreja é a enviada por Jesus Christo e a depositaria da verdadeira religião? Em tanto que não tiverdes resolvido, affirmativa ou negativamente, estas tres perguntas, que se reduzem á uma, jámais podereis resolver razoavelmente a questão da escola. Encarando a questão como o fazem elles, os incredulos, são logicos; pois é seu ponto de vista o que é falso; enganam-se no ponto de partida que os perde.

II

Que na pratica, não tratar da Religião na escola, é tornar impossivel a instrucção religiosa das creanças.

Deixemos as theorias, e miremos as cousas na pratica. Si o systema da escola sem religião chegasse a prevalecer, seria simplesmente a suppressão da instrucção religiosa, e por conseguinte, a perdição de nossos pobres meninos. Como assim?

Meninos ha que chegam á escola ás *oito* da manhã para sahirem ás *onze*. Voltam á *uma*, para sahirem ás *quatro*, e ás vezes as *quatro e meia*. São seis horas de aula por dia. Para meninos, alguns de onze annos, não é pouca cousa. Não se dá importancia a isto. Seis horas de applicação e attenção continua de parte de meninos que, até na escola e fóra da mesma, só pensam em brincar, comer e rir: é enorme.

Não é isso tudo: da escola levam tarefas que fazer em suas casas, lições que estudar,

exercicios que escrever. Supponhamos que este trabalho não lhes tome mais que duas horas: Com as seis horas da aula, são oito. Já é demasiado. Perguntae a todo homem de bom senso: é razoavel, é possivel exigir da cabecinha do menino um trabalho intellectual qualquer, além d'essas oito horas?

E então? que se faz da instrucção religiosa? Que se faz do estudo, muito arduo para um menino, da letra do cathecismo? Porque o fim, o trabalho do cathecismo, o trabalho da instrucção religiosa, é um trabalho intellectual, si os ha. Demanda tempo, demanda applicação. E' mistér repetil-o continuamente, porque o menino esquece tão promptamente como quando aprende.

Contestam-nos: Não têm a quinta e o Domingo?

N'esses dias não ha aula. Sim; porém em primeiro logar, a quinta e o domingo são dias de descanço, de descanço necessario. Demais, ha precisamente nesses dias repetições, destinadas não a aprender, sinão a

explicar a letra do cathecismo. Si os meninos chegam á explicação sem estarem preparados pelo estudo material da letra, o sacerdote perde seu tempo e nada póde... Esta preparação indispensavel se ha de tirar das oito horas consagradas ao estudo, á leitura, á memoria. Repito-o: Fóra d'essas oito horas, já exorbitantes, é absurdo exigir do menino um trabalho intellectual.

E logo, dizei-me que idéa formará o menino do estudo da religião, seguramente o primeiro de todos, quando o vê desdenhado, e que acima d'elle collocam todos os demais, a grammatica, a arithmetica, a geographia, etc.? Toma-lhe teiró, só verá nelle uma maçada que lhe rouba o tempo de suas recreações. Emfim, é certo que si os meninos não ousam fallar da religião mais que em dous pequenos e miseraveis momentos por semana, jámais chegarão a conhecel-a como é necessario; e, demais formarão naturalmente a falsissima idéa de que a Religião nada tem que vêr com sua vida diaria. Praticamente, aprenderão a passar sem ella.

E' isso, fundamentalmente, o que querem os inimigos da escola christã, digam o que quizerem. Porém, vós outros, paes e mães de familia, vós outros que sois christãos, vós que haveis feito baptisar vossos filhos, que desejaes que façam uma boa primeira communhão; que não vivam e não morram como pagãos, eu vos pergunto: — E' isso o que quereis? A Egreja une-se a vós para reclamar todo o contrario; e porque sabe que sem a escola christã, é impossivel que esses meninos aprendam como devem sua religião, com todas as suas forças, como o deveis fazer vós, repelle o que elles chamam a separação da Egreja e da escola, quer dizer, a escola sem religião, a escola sem crucifixo, sem oração, sem Deus.

III

Erros nos raciocinios dos adversarios da escola christã.

Nossos demagogos e ideologos partem todos, mais ou menos, d'esta idéa falsissima; ou que não ha religião verdadeira e necessaria, ou que Nosso Senhor Jesus Christo não é Deus feito homem, como affirmam por vezes suas palavras e seus milagres: ou emfim, que a Egreja e o sacerdote, ministro da Egreja, não estão encarregados por Deus mesmo de ensinar a todos os homens a conhecer e a praticar a verdadeira religião, a religião de Jesus Christo.

Quando se lhes diz isto, exclamam: «Nada d'isso, disse; queremos sómente que não se confunda a Egreja com a escola. Queremos que se ensine a religião na Egreja, e que não se trate d'ella na escola; cada um em sua casa. E' isto o que queremos!» Sem duvida, cada um em sua casa; e tampouco nós outros queremos confundir a escola com a Egreja,

nem o preceptor com o sacerdote. Porém uma cousa é a confusão; e outra é a união. Nós outros queremos que a escola esteja unida á Egreja. E assim como entendemos por escola, não a casa onde se dá o ensino primario a nossos filhos, sinão este ensino mesmo; assim por Egreja, entendemos, não a Egreja material, a casa de oração, sinão a Egreja docente, o sacerdote que representa a Egreja e é o ministro da Religião. «Cada um em sua casa,» nos dizem?

Sim, cada um em sua casa: porém algum ha que em todas as partes está em sua casa, e que não poderia ser legitimamente excluido de nenhuma: é Deus; é Jesus Christo, o Dono e Senhor do Universo. Na escola mais que em qualquer outra parte, está «em sua casa.»

Os meninos, com effeito, a quem o mestre de escola ensina a lêr, a escrever, a contar, etc., esses meninos não são de Jesus Christo? Não estão baptizados? Não são christãos? Não os ha resgatado Jesus Christo sobre a cruz com o preço de seu sangue? Não são filhos da Egreja?

Ora bem, é este um facto, um facto evidente. Quem se atreveria a refutal-o? Jesus Christo está, pois, em sua casa na escola.

A Egreja tem tambem alli seu posto, seu grande posto, seu posto principal. Está alli, não para ensinar os meninos a lêr e a escrever, sinão para inspirar-lhes a obediencia e o respeito a seus mestres; para formar suas tenras intelligencias e corações; para velar para que o ensinamento que se lhes dá, se conforme em tudo, não sómente com a fé propriamente dicta, sinão com o espirito christão.

Eis porque a Egreja tem um direito absoluto, superior, inalienavel, sobre o ensinamento e a educação da juventude, e por conseguinte, sobre a escola, e isto, sob pretexto de que «a religião nada tem que vêr com o alphabeto, nem com a arithmetica, nem com a grammatica, nem com a geographia.» Não, seguramente: porém na escola tem que vêr com outras cousas, e cousas muito mais importantes que tudo isto. Não o olvideis: o que se occulta no intimo do

pensamento d'estas gentes, moderadas na apparencia, que pedem a separação da Egreja e da escola, é o odio á Egreja, o odio á Jesus Christo, o odio á Deus e á Religião.

Elles já em nada crêm; e não querem para o povo, nem religião, nem sacerdote, nem Deus. Julgam-se estar simplesmente separados de Jesus Christo; mas isto é uma chiméra: não sabem que o filho de Deus ha declarado formalmente: «O que não está commigo está contra mim.» Não estão com Jesus Christo: estão portanto, contra Jesus Christo. Pedir que a escola já não seja de Jesus Christo, pedem, saibam ou não, que a escola seja contra Jesus Christo.

Escondam, quanto queiram as unhas, nem por isso deixam de ser gatos, e gatos com boas garras; e se chegassem a conseguir «a separação da escola e da Egreja» nada se dariam mais pressa á reclamar d'essa força céga chamada «Estado,» que a destruição da Egreja, e que fossem postos fóra da lei os sacerdotes, e todo o que é christão. Testemunhas, os revolucionarios de 1879 que, depois de haverem conseguido «a separação da Egreja e do Estado,» chegaram em menos de deus annos a decretar a suppressão da Egreja pelo Estado, e a pôr fóra da lei os Bispos e os sacerdotes fiéis!... Testemunhas, tambem os communistas de 1871, que, depois de haverem arrancado os crucifixos de todas as escolas, de nada se preoccuparam mais que de profanar nossas Egrejas, encarcerar e assassinar a nossos sacerdotes.

Assim pois, no fundo d'esta questão da escola, não ha, para quem sabe raciocinar, sinão uma questão de fé. E si os incredulos de toda a classe a resolvem em um sentido opposto ao nosso, é simplesmente porque não têm fé; é porque não conhecem a Jesus Christo, ou porque o odeiam.

Paes e mães, vêde pois a immensa importancia d'esta questão, para o presente e para o futuro!

IV

Porque e como a Religião é a alma da educação da juventude, e por conseguinte, da escola.

Porque lhes ensina o que é mais importante que tudo para sua felicidade, neste mundo e no outro.

Porque lhes ensina, e isso infallivelmente, em nome e da parte de Deus, a crêr o que é verdade, a amar o que é bom, a admirar o que é puro, a respeitar e amar a auctoridade de seus paes; a ser bons e castos; a amarem-se mutuamente e a perdôarem-se, a conservar bons costumes, a serem laboriosos, fiéis, conscienciosos, a preferir o dever ao prazer, a cortar tudo o que póde corromper já o espirito, já o coração.

A religião faz tudo isto onde quer que a deixem trabalhar, e só ella tem o poder de produzir esse bem, e cortar esse mal. Que é com effeito, a moral sem a religião? Uma theoria fastidiosa; grandes palavras, e quando muito, uma honradez exterior que

basta apenas para não ser enforcado. Sem a religião, dizia em outro tempo Napoleão I, pouco dovoto como todos sabem, porém homem de saber e de talento: — sem a religião os homens se matariam pela pessoa mais bella ou pela pera mais bonita.

Sem a religião, não ha fé nem moral; sem a fé e sem a moral não ha educação. Educar a um menino, que é mais que formar seu espirito dando-lhe a verdade e a boa doutrina, e formar seu coração fazendo-lhe conhecer primeiro, logo amar, depois praticar o bem? Ora bem, a primeira e mais importante de todas as verdades, não é evidentemente a verdade religiosa, que nos ensina o que somos, porque existimos, aonde vamos? que nos ensina a lei das leis, a lei divina?

E que nos faz conhecer o que devemos fazer e o que devemos evitar para ir ao céo e para livrarmo-nos do inferno? Que são, dizei-me, em comparação com esta sciencia, todas essas outras sciencias que tanto se apregôam hoje em dia? Assim, o primeiro, o mais importante de todos os bens não é acaso o bem

moral, o dever, a pureza do coração e da consciencia? Esta verdade, este bem se extende a todos, como a luz e o calor do sol, que illuminam e fecundam tudo sobre a terra.

Somos christãos; nossos filhos, estão baptizados, são christãos: para elles não ha educação séria sem a benefica intervenção da religião, e por conseguinte da Egreja, e por conseguinte do sacerdote. Sendo a escola, como a familia, o santuario da educação, querer excluir d'ella a religião e a Egreja, é querer excluir a Deus, é querer excluir a educação. Ahi está, por outra parte, a experiencia que o demonstra diariamente e em todas as partes: as escolas sem Deus são mais ou menos fócos de corrupção, de uma immoralidade mais ou menos encoberta, mas repulsiva; onde é quasi impossivel que um menino conserve sua innocencia, onde só o temor mantém certa apparencia de ordem; onde o menino aprende a detestar a auctoridade do mestre, onde a patria só vê um viveiro de futuros communistas, sem fé e sem lei.

Repito-o: sem a religião não ha educação. Portanto, a escola deve ser christã, christã primeiro que tudo. Exigil-o assim é um dever de consciencia, tanto para os paes e mães de familia, como para o sacerdote. Nisto consiste a salvação dos meninos.

V

Porque é que o ensino classico é inseparavel da educação religiosa?

Porque o espirito é inseparavel do coração.

Não se póde amar sinão o que se conhece, o que se vê ser formoso, nobre, bom, digno de estimação e de amor. O coração segue a cabeça. Ora bem, o ensino é o que fórma a cabeça, o dever, o que faz conhecer ao espirito tudo o que é util saber. D'ahi deriva a immensa importancia de só dar a verdade como alimento ao espirito do menino.

O erro corrompe o coração.

« Porém dizem, quando um mestre de escola ensina o alphabeto e a grammatica, a arithmetica e os demais conhecimentos elementares de seu programma, não póde enganar-se; e ainda quando se enganasse sobre certos pormenores que mal haveria nisto para a boa direcção do espirito de seus collegiaes? A religião nada tem que vêr, parece, com este ensino. »

Bom; mas como já o havemos indicado, não é d'isto que se occupa a Egreja. Ella se preoccupa, do ensino dado na escola, primeiramente de que a respeito de certos ramos d'este ensino, taes como a historia, e alguns outros elementos de sciencia natural, o mestre não dê aos meninos noções falsas e perigosas, ao ponto de vista religioso. Do que se preoccupa, é de que os livros de historia, sejam veridicos, orthodoxos, e que não contenham, como tão a miude succede, calumnias contra o cléro e a religião.

No ensinar a Historia de França, por exemplo, quantas preoccupações detestaveis contra os papas, contra os sacerdotes, contra

as ordens religiosas, contra a influencia da Egreja, póde inculcar todos os dias um professor irreligioso, ou simplesmente ignorante (e desgraçadamente abundam), no espirito de seus pobres discipulos? E essas preoccupações, essas mentiras, deixam vestigios que ficam indeleveis.

Sobre cem meninos, que, ao sahirem da escola, escarnecem de Deus, affligem a seus paes, se entregam ao mal, póde dizer-se com segurança que ha noventa que hão bebido o germen d'estas desordens nas más idéas que hão aprendido na escola, mórmente nos máos costumes que pulullam nas más escolas. Quereis que vosso filho permaneça e cresça no bem? Ha-de elle primeiro crescer e permanecer na verdade; e a verdade é primeiro que tudo a verdade christã, o conhecimento de Deus e de sua lei.

Mas dizem tambem: « esta verdade deve ser inculcada aos meninos pelo sacerdote, e não pelo mestre de escola nem pelos paes. » Muito bem: o sacerdote, com effeito, e só o sacerdote, está encarregado officialmente

pela Egreja de ensinar a religião aos meninos de sua parochia. Porém os paes e os mestres d'estes mesmos meninos têm o dever de ajudal-o por todos os meios possiveis nesse laborioso ensino. Tudo deve contribuir para elle, no interior da familia, e no interior da escola.

Os meninos, sobretudo os meninos do povo, são travessos, pouco inclinados ao estudo; é necessario que o ensino, as lições se façam penetrar em sua intelligencia e sua memoria, por todos os passos, a cada instante. Si quereis fazer um christão d'esse pobre homemzinho em flôr, ponde debaixo dos olhos, nos ouvidos, sobre os labios, na memoria o que póde ajudal-o a recordar as verdades, sempre um tanto abstractas, que são o fundo da religião christã.

Em vez de ensinardes a lêr em certos livros insignificantes, ensinae-lhes a lêr no cathecismo, no evangelho, em um resumo elementar, como ha tantos, da moral christã. Ainda com esse soccorro de todos os momentos, não se verá a Egreja livre

de trabalho para fazer penetrar bem á fundo as luzes vivificantes da fé nessa pequena intelligencia: que será, si o ensino da escola prescinde completamente do pensamento religioso, unico (não poderia repetil-o bastante), que tem o poder de formar christãos, isto é, verdadeiros homens de bem, homens de consciencia, de coração, de dever?

O mestre de escola deve necessariamente cooperar quanto lhe fôr possivel para a grande obra da educação confiada por Deus mesmo a seus sacerdotes. O ensino da escola deve seguir, ajudar, recordar o ensino do catechismo. Sem isso, não ha educação solida; em outros termos, não ha christãos, não ha verdadeiros homens de bem para o porvir.

Tudo isto é incontestavel. A decadencia desconsoladora da França actual, procede sobretudo do esquecimento da lei de Deus; e este esquecimento tem em grande parte sua origem no ensino indifferente e irreligioso de nossas escolas primarias, para baixo, e de nossos collegios, para cima.

O ensino da escola deve, pois, ser christão, como deve ser christã a educação. Nesse grande trabalho de formação, o espirito do menino não deve estar separado de seu coração.

VI

Testemunho pouco suspeito de um antigo rei de Prussia que em nada acreditava.

Os inimigos da fé de nossos filhos encontram aqui um adversario que não esperavam. E' o famoso rei da Prussia, Frederico o Grande, o intimo amigo de Voltaire, mas incredulo, si é possivel, e mais descrente que o proprio Voltaire. Este acreditava todavia um pouco em Deus e na alma, no bem e no mal. Frederico, em nada acreditava, e no seio da intimidade, pouco cuidava em occultal-o. Ora pois, aqui transcrevemos o que o bom senso social e politico d'aquelle malvado de genio lhe fez proclamar e impôr

a todos seus subditos, em um regulamento geral, promulgado em Berlim, a 12 de Agosto de 1763 em pleno reinado do volterianismo:

Frederico, rei de Prussia, etc.

«Desde o restabelecimento da paz, o verdadeiro bem-estar de nossos povos preoccupa todos nossos instantes (inteiramente como diria hoje o piedoso Bismarck); portanto, julgamos util e necessario cimentar esse bem-estar constituindo uma instrucção tão razoavel como christã, para proporcionar á juventude, com o temor de Deus, os conhecimentos uteis.

«Art. I. Os meninos, de cinco a treze ou quatorze annos, não poderão sahir da escola antes de ser instruidos nos principios essenciaes do Christianismo e de saber lêr e escrever bem.

«Art. II. Os donos a quem a necessidade do trabalho obrigar a empregar meninos, serão sériamente advertidos que se hajam de modo que esses meninos não saiam da escola antes de saberem lêr bem, antes de

possuirem as noções fundamentaes do Christianismo... factos que devem ser comprovados por certificados do pastor e do mestre de escola.

«Art. XII. Como os bons mestres fazem as boas escolas, um mestre de escola deve estar em condições taes que toda a sua conducta seja um exemplo, e que não destrua com seus actos o que edifica com suas palavras. Os preceptores, mais que todos os demais, devem estar animados *de uma solida piedade,* e primeiro que tudo, *possuir o verdadeiro conhecimento de Deus e de Christo...*

«Art. XXIV. *Em tudo o que respeita á escola, o preceptor deve apoiar-se nos conselhos e avisos de seu pastor.*

«Art. XXV. E' nossa vontade expressa que, nas cidades e aldeias, os paes visitem as escolas postas sob sua jurisdicção, duas vezes por semana, já de manhã, já de tarde, e interroguem por si mesmos aos alumnos.»

Não é um cura, não é um Bispo, nem um Papa que expediu esse decreto: é, repita-

mol-o mui alto, um livre-pensador de primeira classe, cujos principios religiosos eram absolutamente os mesmos que os de nossos incredulos modernos mais adeantados.

O bom senso era o que lhe arrancava essas confissões; o instincto da conservação da sociedade, da familia, da ordem publica.

Os inimigos da escola christã pretendem que a superioridade da Prussia proceda de suas escolas e de seu systema de instrucção obrigatoria. Estejam pois, uma vez ao menos, de accordo comsigo mesmos, e não tratem de impôr-nos o contrario do que nos ponderam. Na Prussia, até 1872, as prescripções de Frederico o Grande tem feito lei; a instrucção christã e o respeito pratico da religião eram considerados, e com razão, como a alma da educação nas escolas. Si alguma cousa boa têm os prussianos, ahi é que a têm haurido.

VII

O que se deve entender por escola "leiga".

«*Leiga*» não quer dizer *sem religião*. Um *leigo* é simplesmente um homem que não é ecclesiastico.

Todos os christãos, todas as christãs são *leigos*.

Vós outros, paes e mães que lêdes estas pequenas paginas e que vos preoccupaes com tanta razão do porvir religioso de vossos filhos, sois *leigos*. Os unicos que não são *leigos* são os que têm a honra e a dita de consagrar-se a Deus no estado ecclesiastico ou no estado religioso.

Nossos inimigos, que não são mui fortes tratando-se de assumptos religiosos, confundem ordinariamente esta noção tão simples, e por *leigo* entendem o que é, sinão inimigo da religião, ao menos indifferente com a religião e o sacerdote. Para elles a escola *leiga* é a escola sem religião, a escola não christã. Elles acclamam e reclamam a

escola *leiga* porque detestam a religião, a Egreja e o sacerdote. Si sabem muito bem o que querem, sabem apenas o que dizem.

Escolas *leigas!* Porém si nós outros tambem as queremos e as sustentamos, só pedimos antes que tudo, que essas escolas *leigas* sejam christãs. Não nos basta que não declarem a guerra ao catechismo e á Jesus Christo; queremos, além d'isso e temos o direito e o dever de exigil-o, queremos, como o diziamos não ha muito, que sejam os auxiliares do catechismo, e que o preceptor ou a preceptora trabalhem de harmonia com o sacerdote e com os paes, para formar nossos meninos no serviço e no amor de Jesus Christo. Os preceptores e as preceptoras *leigas* tão elogiados pelos adversarios da escola christã, são, note-se bem, professores e professoras sem religião.

Logo que algum mestre de escola cumpre, na escola e fóra da mesma, o primeiro de todos os seus deveres, que é servir a Jesus Christo, immediatamente e ainda quando

seja *leigo*, taxam-n'o de clerical e geralmente não póde contar já sinão com malevolencia, ás vezes até com verdadeiras perseguições.

Pelo contrario, o mestre que é *leigo*, segundo o modo de julgar dos inimigos da fé, conta com uma protecção que ás vezes toca ao escandalo e na mais indigna condescendencia.

Que nossos filhos sejam educados christãmente é tudo o que pedimos. E si geralmente nossos curas preferem os Irmãos e as Irmãs aos professores e ás professoras *leigos*, é porque, graças á indifferença religiosa, para não dizer á irreligião que domina em quasi todas as escolas normaes, d'onde se fórmam os professores e as professoras do Estado, succede que rarissimas vezes sabem o necessario para cumprir dignamente sua grande e santa missão. A quem poderá parecer mal que um bom sacerdote não queira deixar os meninos, cujas almas lhe estão confiadas, entre as mãos de um preceptor ou de uma preceptora sem religião? O contrario seria para extranhar. Não por si,

sinão pela fé e pela salvação de seus freguezes, reclama o cura a escola christã. Que seja dirigida por um *leigo* ou por um Irmão ou uma Irmã, pouco importa, comtanto que tudo se faça alli segundo a vontade de Deus; comtanto que o ministro de Deus encontre alli o apoio a que tem direito para educar christãmente a seu pequeño e querido povo.

VIII

Por que motivos a Egreja reprova o que chamam a escola "obrigatoria e gratuita".

Nossos livres pensadores, inimigos da Egreja e da patria, têm uma replica que repetem a cada instante a modo de estribilho. «A escola *leiga, obrigatoria e gratuita.*»

Todo o veneno se encerra na palavra *leiga*, ou por fallar mais propriamente, na idéa impia que occultam sob essa palavra, muito inoffensiva em si mesma, e é unicamente,

entendido bem isto, é unicamente porque a escola *leiga* que elles querem impôr é a escola sem Deus, a escola sem Jesus Christo e sem religião, que a querem fazer *obrigatoria e gratuita*. E' uma verdadeira conspiração contra a fé de nossa patria. «Em primeiro logar, dizem elles, eduquemos a juventude fóra da Egreja, é dizer, contra a Egreja; logo obriguemos os nossos paes a envial-a a nossas escolas sem Deus, para que nada se nos escape; por ultimo tiremos todo o pretexto de reclamarem fazendo pagar todas essas escolas pelo Estado, e não exigindo nada nem dos paes nem dos meninos. Com este systema, a França será nossa dentro de quinze ou vinte annos.» Isto é tão abominavel como bem combinado. E' abominavel, porque é a guerra a Deus e ás almas; está sabiamente combinado, porque si suas «*escolas leigas*» chegassem a prevalecer e a ser obrigatorias para todos, o resultado impio que elles esperam seria infallivelmente conseguido; a França perderia a fé.

Por isso é que rechaçamos com toda energia d'essa mesma fé a escola revolucionaria «*leiga, obrigatoria, gratuita.*» Si a escola fôra christã, qual deve ser, e como o será sempre, (assim o esperamos), si a escola fôra christã, longe de achar mal que fosse *obrigatoria*, a Egreja seria a primeira a apoiar um systema que collocaria a todos seus filhos na feliz obrigação de serem tão instruidos e tão bem educados quanto fosse possivel. O que Ella não quer por nenhum principio, é que os paes christãos (isto é, noventa e nove por cento, novecentos e noventa e nove sobre mil) sejam obrigados a enviar seus filhos a escolas onde tudo contribue a apartal-os da religião, como o temos demonstrado mais acima.

Nisto, como sempre, com suas grandes palavras de liberdade, de progresso, das luzes, etc., os incredulos são tyrannos e verdadeiros despotas. Calcam aos pés a primeira e mais legitima de todas nossas liberdades, a liberdade religiosa. Porque elles não creem, querem obrigar os outros a não crêr; e não

é a sciencia nem a instrucção o que querem inculcar-nos de grado ou por força, são meramente suas impias doutrinas.

Temos razão, pergunto-lhes, nós-outros os christaõs, de não querer sua instrucção obrigatoria? Não queremos sua instrucção porque é falsa e perversa; e não queremos que obriguem nossos filhos a recebel-a, primeiro, porque nós não somos escravos, nem tampouco elles, e depois porque não queremos que nos obriguem a fazer envenenal-os.

Quanto á escola «gratuita» d'esses cavalheiros, ha nisso tambem uma iniquidade digna d'elles. Essas famosas escolas sem religião serão tudo, menos gratuitas, posto que pagas pelo Estado, e com largueza. Ora bem, dizei-me: quem são os que enchem o thesouro nacional? São os christaõs; a minoria dos contribuintes que se declara não christã, é tão insignificante que póde dizer-se que não se leva em conta. E assim, com vossa apparencia de generosidade, de desinteresse, de amor ao povo, não quereis outra

cousa, oh zelosos apostolos! senão fazer-nos pagar a ruina moral de nossos filhos! Quereis obrigar uma nação catholica a suicidar-se com suas proprias mãos, a despojar-se por si mesma do manto real de sua fé! Vamos pois! isso é, em verdade, demasiado disfarçamento.

Não, não queremos nem vossa instrucção leiga, nem vossa instrucção obrigatoria, nem vossa instrucção intitulada gratuita. Somos christãos, e queremos estar na liberdade de fazer educar christãmente nossos filhos; e si vindes dizer-nos todavia que rechaçamos vossas idéas só porque queremos manter o povo na ignorancia, responder-vos-hemos, com a franqueza da indignação, que sois estafadores e embusteiros. Vós-outros sois os filhos das trévas; nós, discipulos da verdade e do Evangelho, somos filhos da luz, e, o que é mais, somos, como o ha proclamado o Filho de Deus, *«a luz do mundo.»*

IX

Si é certo que nossas escolas christãs sejam fócos de obscurantismo, de retrograda politica e de reacção.

De reacção! E contra quem? Contra a impiedade e o vicio! Sim, certamente. Contra as detestaveis doutrinas revolucionarias, subversivas da Religião, da autoridade, da familia, da ordem social inteira? Sim, sim, mil vezes sim. E esse o motivo porque querem supprimil-as.

Fócos de reacção politica, em qualquer sentido? Não, em sentido nenhum. E nossos radicaes o sabem tanto como nós. Em nossas escolas, ninguem se occupa de politica; tanto da politica branca que da politica tricolôr ou rôxa. E é isso o que atormenta a nossos democratas. Elles quizeram que nossas escolas, santuarios da singelez e da paz, se transformassem, debaixo da direcção de seus mestres de escola communistas, em especie de pequenos clubs, fócos de rebellião. Revolucio-

narios, não sonham senão com revoluções; homens de rebellião querem semear por todas as partes a rebellião.

Isso é o que nós não queremos; isso é o que não fazemos; isso é o que nunca temos feito e o que não faremos jámais. Chamem-n-o «obscurantismo» quanto quizerem; chamem-n-o «reacção» em bôa hora. Sabemos o que é fallar.

Accusaram a nossos Irmãos e a nossas Irmãs de escola de que se occupam de politica, só para tornal-os odiosos ás povoações e para involvel-os na colera e nos odios que os diarios revolucionarios suscitam contra o partido da ordem e da gente honrada.

Em nossas escolas, os Irmãos e as Irmãs se occupam em fazer dos meninos que lhes estão confiados, christãos, homens de bem, e verdadeiros cidadãos. Deixam aos emissarios da Revolução e das sociedades secretas, a criminosa tarefa de fazer-lhes perder a cabeça, sob pretexto de «liberdade» e de «republica.»

Digam quanto quizerem, a politica nada tem que vêr com a escola.

X

Si é certo que a escola christã seja incapaz de formar cidadãos.

Isto depende do que se entenda por «cidadão.»

Por cidadão os revolucionarios entendem uma especie de exaltado, que sempre tem nos labios a grande palavra, *patria*, *patriotismo*, *liberdade*, *egualdade*, *fraternidade*, (ou a morte!); que está sempre prompto a fazer armas contra a autoridade legitima, isto é, não-revolucionaria; chamem-n-a valente, e que sob pretexto, de orgulho nacional, é ingovernavel. — Tal é o cidadão formado pela escola sem religião, pelo diario sem religião, pelo Estado sem religião. Em todas nossas revoluções vemol-o na faina, e não é mui bello certamente.

A escola christã, não só não forma cidadãos d'esta especie, sinão que tem por missão directa, evidente, impedir que se formem. Faz mal? Que é, dizei-me o «cidadão» revolucionario, sinão homem de desordem e alvoroço, o turbulento, o communista?

Deus e sua Egreja condemnam esse composto horroroso de orgulho, de presumpção, de ignorancia, de colera, de violencia e quasi sempre de intemperança e de luxuria. A escola christã faz outro tanto; reprova-o, e se esforça por preservar de todos esses vicios e de todos esses erros o espirito e o coração dos meninos que educa.

Porém si ella é inimiga do falso cidadão, é amiga do cidadão verdadeiro.

Vós aspirais, e não é justo, a que vossos filhos façam algum dia honra a seus paes? Aspirais a que seja toda sua vida um homem de bem, um homem de seu dever, um homem de ordem e abnegação? Esse é o que se chama um bom cidadão; em toda a escala social. Aspirais a que vossa filha, seja esposa e por sua vez mãe de familia, seja e continúe a ser honrada, bôa, virtuosa, pura?

Pois bem, é nesta grande obra em que trabalha, de accôrdo com o sacerdote e comvosco, a escola christã.

Os demagogos pretendem que em nossas escolas não formemos mais que christãos, e que não nos occupemos em formar cidadãos. Isto é falso: formando christãos, formamos por isto mesmo cidadãos, bons e verdadeiros cidadãos. «Os melhores christãos, dizia em outro tempo o rei protestante Gustavo Adolpho, são sempre os melhores soldados.» Outro tanto se póde dizer dos cidadãos: «Os melhores christãos são sempre melhores cidadãos,» isto é, os homens mais verdadeiramente dedicados aos interesses e á prosperidade de seu paiz.

Nossos liberaes de todo gráu são os peiores cidadãos que pode haver: debaixo da capa das grandes palavras que mais acima diziamos, só tratam de lisonjear suas más paixões, de adquirir sem trabalhar, de empolgar alguns bons empregos bem lucrativos, sem preoccupar-se no minimo da causa publica. D'essa ordem temol-os visto a lidarem na época da Communa; e taes como foram então, serão sempre.

Só a Religião pode formar verdadeiros homens de bem; e é por isso que a escola, que está encarregada de formar homens, deve ser christã, profundamente christã.

A escola sem religião só formará incredulos, rebeldes, ebrios, communistas.

XI

Do crime dos que envenenam o espirito e o coração da juventude.

O Codigo Penal castiga com a morte os envenenadores, e tem razão. Nada ha mais odioso, nem mais covarde que esta fórma de crime.

Mas, dizei-me, quem é mais culpado, o que envenena e mata o corpo ou o que envenena e mata a alma? Não é a alma a que faz de nós homens? A alma é cem vezes, mil vezes superior ao corpo. Portanto, si envenenar, matar o corpo é um crime tão atroz, qual não será quando se trata da alma?

Mas a terra está coberta de gente que á vista e presença de todo o mundo, envenena as almas, não com arsenico ou rosalgar, sinão com abominaveis doutrinas, as quaes penetrando pouco a pouco no espirito, fazem-n-o incredulo, impio e rebelde; e chegando até ao coração, lhe inspiram o gosto pelo mal, o odio a Deus, o habito do vicio.

Esses envenenadores publicos, são todos os que de um modo ou de outro, ensinam o erro, quer em religião quer em politica. São, em primeira plana, os maus professores e más professoras, os mestres e as mestras de escola sem religião, sem principios.

Que ensinam elles ás pobresinhas creaturas que se lhes confiam? A lêr, a escrever, está bom; porém ensinam-lhes tambem e antes que tudo, tanto com seus exemplos como com suas palavras, a viver sem Deus, a depreciar as santas praticas da Religião, a mofar do sacerdote, a desdenhar a oração e a santificação do domingo, as leis ecclesiasticas, a confissão, o respeito á Egreja.

Acostumaram-nos a fazer o bem não por consciencia ou por dever, sinão a buscar primeiro que tudo, seu interesse pessôal, a ganhar dinheiro, a ser egoistas. Muito a miude, especialmente nos momentos de crises politicas, esses mestres de escolas, essas preceptoras sem religião dão além disso escandalos, cujos vestigios ficam profundamente gravados na memoria dos meninos.

Este envenenamento moral é um crime de primeira ordem. Ataca não sómente a Egreja, sinão a propria sociedade desde a raiz até ao coração. Prepara espantosas ruinas para o porvir. Os que os commettem deveriam ser tratados como os peiores criminosos, tanto mais criminosos, quanto atacam aos pobrezinhos, innocentes sem defesa, que acreditam facilmente no que se lhes diz, e imitam seguramente o que veem em outros.

Os que deixam commettel-o, e, mais ainda, os que fazem commetter, são uns infelizes, inimigos de Deus e da sociedade; não ha nome para dar-lhes. Si a justiça humana é

bastante céga para não castigal-os, a inexoravel justiça divina espera-os ao sahirem d'este mundo; e o tremendo Juiz, perante o qual comparecerão então aterrorisados, perdidos, declara-o em seu santo Evangelho: «Em verdade vos digo: qualquer que escandalizar um só d'estes pequeninos que creem em mim, melhor fôra que tivesse sido precipitado no fundo do mar, com uma pedra de moinho ao pescoço.»

Ora pois: não é só um menino, mas uma geração de meninos que escandalizam, quero dizer, perdem e corrompem, o mestre e a mestra de escola sem religião; e estando baptizados estes meninos, e sendo christãos, d'elles é que falla aqui directamente Jesus Christo. Escandalizal-os, é commetter um assassinato, e um assassinato sacrilego; é arrebatar a Deus o espirito e o coração de seus filhos. Desgraçado do homem que tal crime commette! E desgraçada a sociedade que o deixa commetter! Ai dos diarios que o apregôam! Ai dos homens publicos que se atrevem a erigil-o em lei!

Toda a lei contraria á lei de Deus é nulla e de nenhum valor. A consciencia prohibe submetter-se a ella; seria apostatar. Si nossos impios conseguem fazer erigir em lei seu systema de educação anti-christã, entraremos no caminho da perseguição declarada, e esse será o caso tanto para os paes e mães como para os filhos, para os sacerdotes como para os leigos, de repetir a grande palavra pronunciada em outro tempo pelos labios dos Apostolos; «E' preciso obedecer a Deus antes que aos homens.»

XII

Do crime e insensatez dos paes que educam seus filhos sem religião.

Os paes e mães que educam, ou fazem educar sem religião seus pobresinhos filhos, não são menos culpados que os máus mestres de escola; e como estes, darão conta d'isto a Deus.

São ao mesmo tempo culpados e insensatos; culpados, porque faltam gravemente a seu dever de paes, que é ajudar, quanto lhes seja possivel, a Egreja a salvar e a santificar os filhos que Deus lhes dá; — insensatos, porque algum dia colherão o que teem semeado, e se aperceberão, porém demasiado tarde, de que uma educação má não produz mais que ruins fructos.

Em pouco tempo seu filho chegará a ser um libertino e um malvado sem fé e sem temor de Deus, se entregará a suas paixões, ditoso ainda se o mal não o conduzir até a deshonra; sua filha correrá o risco de perder-se e causar-lhes esses desgostos que não têm nome. Tão poucas pessôas ha que continuem a ser honradas e que conservem bons costumes, quando não se tem para contel-os o saudavel freio da consciencia, o temor de Deus, e o omnipotente soccorro dos sacramentos!

Portanto, paes e mães, ponde os olhos nelle bem cedo! Olhos, na conta que Deus vos pedirá da alma, da fé, dos costumes de vossos

filhos. Guardae-os por vós-mesmos e no interesse de vossa propria ventura neste mundo, a qual resultará, quasi infallivelmente, da educação que lhes derdes ou tiverdes feito dar.

Não olvideis que não tendes direito para educar nem deixar educar vossos filhos sem religião; que é para vós-outros um dever de consciencia, sob pena de commetter um peccado grave, não sómente fazer rezar vossos filhos em vossa casa e ensinar-lhes com vosso exemplo a servir a Deus, sinão tambem a não confial-os sinão a mestres ou mestras de escola capazes de ajudar-vos em vossa grande tarefa. Nada de bom consiguireis si a escola não trabalhar no mesmo sentido que vós, si a escola não fôr christã, bem como a familia.

E' que isto desgraçadamente nem sempre é possivel; bôas parochias ha que, devido a um delegado ou a um conselho municipal impios, teem por professor, por unico professor, um homem sem fé nem lei, ás vezes até um communista, um homem de costumes depravados, mil vezes indigno do posto que

occupa. Isso é uma desgraça immensa; porém longe de desanimar-vos, deveis redobrar vossa vigilancia e vosso zelo para inculcar a vosso pobre filho solidos principios religiosos. Deveis luctar, quanto possais, e com toda constancia, contra a má influencia da escola para onde vos vêdes obrigados a envial-o. Deveis recommendar-lhe muito mais com os exemplos que com as palavras, e ser sollicitos em que cumpra comvosco todos os seus deveres religiosos.

Si á frente d'essa escola corruptora, o zelo de vosso cura conseguir levantar uma escola livre, uma escola christã, não olvideis que é para vós um dever enviar para alli vossos filhos quanto antes, e livral-os, emquanto podeis, do perigo que os ameaça alli onde estão.

Para a familia, como para a Egreja e a sociedade, a escola sem Deus, a escola sem crucifixo e sem orações, é a ruina e a perdição.

XIII

Que a escola deve ser para a Egreja o que é uma filha para sua mãe.

Nosso Senhor Jesus Christo, no enviar ao mundo sua Egreja, encarregou-a de «ensinar a todas as nações.» Isto é para o Papa, para os Bispos, para os sacerdotes, não sómente um direito, sinão um dever; um direito de que nenhum homem poderia legitimamente despojal-os; um direito ao qual não podem subtrahir-se sem arriscar sua salvação; um dever que cumprem não para dominar, — como almas baixas e ignorantes teem ouzado dizel-o, — sinão para fazer reinar Jesus Christo no mundo e para procurar a salvação de seus irmãos.

No ensino, como diziamos, ha duas cousas distinctas porém unidas e subordinadas uma á outra: ha os conhecimentos que nos são uteis e ainda mais ou menos necessarios a todos para ganhar nossa vida e para cumprir os deveres de nosso .estado; taes como saber lêr,

escrever, contar; saber nosso idioma e um ou outro idioma estrangeiro, saber mais ou menos a historia, a geographia, as sciencias, naturaes, até si quizermos, o latim, o grego etc.; e ha a grande sciencia, a sciencia divina da salvação, da qual nada póde abster-se, e que ensina o homem a conhecer, a servir, a amar a seu Deus neste mundo, afim de possuil-o eternamente e de ser eternamente feliz no outro. E' nisto que consiste o ensino.

Ora, pois; a Egreja está autorisada por Deus mesmo para este ultimo ensino. Está encarregada, não de ensinar os homens a lêr, a escrever, a contar, etc., sinão de velar attentamente para que ninguem se aproveite do ensino dos conhecimentos naturaes para alterar a doutrina christã e para apartar de Jesus Christo os espiritos e os corações.

Está encarregada de velar mui de perto para que a educação christã esteja inseparavelmente unida a toda classe de ensino, e o homem se habitue desde sua juventude a santificar seu trabalho pela oração e por pensamentos de fé.

Com esse titulo está a Egreja encarregada, por uma ordem expressa de Deus, de fazer a escola profundamente christã, de velar com cuidado pelo ensino, de fazer reinar nelle Jesus Christo, por todos os meios que póde suggerir uma caridade engenhosa, principalmente pelos bons exemplos dos mestres e das mestras, pela escolha de livros de texto, pelas pequenas orações que precedem, acompanham e seguem o estudo, pelos crucifixos e as imagens santas, em uma palavra, por toda classe de habitos de fé e de religião.

Quanto ao ensino directo da grande sciencia, da sciencia da Religião, a Egreja, quer dizer, o sacerdote, é certamente o unico officialmente encarregado d'ella; porém assim como um bom pae e uma bôa mãe devem cuidar para que seu filho aprenda bem seu catechismo, lh'o devem explicar o melhor possivel e ajudal-o a comprehender; assim como devem fallar-lhe a miude de Deus, e fazer-lhe praticar o que ensina o sacerdote, assim tambem na eschola, os mestres e mestras devem, si quizerem ser dignos de

sua missão sagrada, dedicar-se a fazer esse mesmo officio para com os meninos que a frequentam.

Os partidarios culpados e cegos da escola sem religião pretendem que, porque a religião se ensina na Egreja, deve ser excluida da escola. Si isso fora certo, deveria dizer-se outro tanto da familia. Essa pobre gente não sabe que a Religião se extende a tudo, tem direito a tudo, que em todas as partes está em sua casa, que não é extranha em nenhuma parte, que é não sómente util sinão necessaria em todo logar, e na escola mais que em outra qualquer parte.

De bôa ou de má fé, querem expulsar Jesus Christo de seus dominios, quero dizer do coração e do espirito dos meninos. Como os Judeos na Sexta-feira Santa, exclamam por mil e mil boccas: «Não queremos que Este reine sobre nós.»

E sem embargo, Este, Jesus Christo, quer e deve reinar sobre todos, e é mui justo, pois que é o Creador, o Soberano Senhor, o Salvador de todos.

Como a familia, a escola deve estar unida á Egreja; como a familia deve estar subordinada á Egreja, em tudo quanto respeita á direcção do espirito e do coração dos meninos.

Esta submissão, esta subordinação não absorvem mais a escola na Egreja, que o que absorve a familia na Egreja. Porque em um regimento os officiaes estão submissos ao coronel, e os soldados ao official? Quem ousaria dizer que os movimentos, o valor, a auctoridade dos que obedecem estão absorvidos pela auctoridade dos que mandam? D'esta subordinação, muito ao contrario, nasce a bella ordem que é a gloria e a força do regimento.

O mesmo succede com a subordinação de todas as cousas á Egreja, e a Deus pela Egreja. A escola, a educação, o ensino, a familia, a sociedade, a direcção dos assumptos publicos, o governo dos estados, tudo, em uma palavra, na terra, deve estar submisso a Deus, e por conseguinte subordinado á doutrina divina, á santa direcção de sua Egreja. Ali sómente está o segredo da ordem, o segredo da felicidade publica. Ali

está a resurreição verdadeira de nossa querida patria, e o triumpho de todas as bôas cousas sobre o inimigo de Deus e da sociedade, que ha mais de cem annos, assola o mundo, e cujo sinistro nome é « O LIBERALISMO. »

A questão da escola é, em primeiro logar uma questão religiosa, cuja solução depende d'esta outra precedente questão: E' o Liberalismo ou a Egreja que ensina a verdade? A religião christã é verdadeira, ou é falsa? Devemos nós todos obedecer a Deus, sim ou não?

O povo christão, o verdadeiro povo responde: « Sim. » A seita anti-catholica, ou, para explical-o melhor, a maçonaria, que se atreve a chamar-se a nação, responde audazmente: « Não. »

Esta é a que já não quer religião nem na escola nem em parte nenhuma. Nós porém, christãos e christãos de coração, a queremos na escola e em todas as partes.

FIM

APPENDICE

PALAVRAS SOBRE A EDUCAÇÃO

DIRIGIDAS ESPECIALMENTE

AOS PAES DE FAMILIA

Nisi Dominus aedificaverit domum, in vanum laboraverunt qui aedificant eam. Si o Senhor não sustentar o edificio, em vão trabalharão os constructores. *Ps. 126. 1.*

Clama, ne cesses, clama sem cessar! era a intimação do Senhor aos prophetas de Israel ante os grandes perigos de seu povo. Esta tambem é a intimação que sentimos desde o fundo de nossa consciencia em cumprimento de nosso dever ante os graves males da educação sem Deus; e tanto mais, quanto, alguns dos publicistas dissidentes, teem dado a voz de alarma, espantados ante os desastrosos resultados do ensino sem religião, que constituem um grave perigo social, tendo tomado proporções aterradoras.

Clama, ne cesses! Temos que clamar, pois que é impossivel o silencio ante os estragos da educação leiga, sem religião. Já não se pode soffrer impassivel a formação dessas gerações que se ostentam incredulas, e portanto decadentes, com justa alarma da sociedade, fazendo-a temer pelo futuro da civilisação.

Eis aqui porque tornamos a insistir, amados catholicos, sobre a questão magna da educação, já que é a mais transcendental para os destinos de um povo e seu porvir; e será o que seja a educação da juventude.

E em verdade; quão grande e interessante é o problema da educação entre todas ás questões sociaes!

A educação é a grande alavanca que move a ordem social, intellectual e moral; ella é a que prepara os homens para os grandes progressos, quando é bôa, como os dispõe para os mais espantosos cataclismas, quando é má.

Quando a educação, leva á mente idéas sãs e elevadas, e inspira nos animos nobres

sentimentos e levantados ideaes, faz de cada homem um elemento do bem, e converte cada alma como em um fóco de luz que se irradia pela sociedade inteira.

Não é a força inconsciente, não é a voz descompassada da paixão o que vence os grandes obstaculos que se oppõem á marcha da humanidade em seu desenvolvimento vertiginoso para os fins que o Creador lhe tem fixado em seus eternos designios: é a educação.

Os povos civilisados de hoje e de todos os tempos, devem-se á acção lenta porém efficaz da educação; influencia que approuve á divina Providencia que se perpetuasse atravez das diversas mudanças e transformações da raça humana e das diversas nacionalidades, como um principio vital indestructivel para reanimar as ruinas produzidas pela acção do ferro homicida, ou as idéas dissolventes que, brotando de cerebros enfermos, levam a desolação e a morte como as lavas dos vulcões ou os miasmas mephiticos dos rios lodosos.

A educação é poderosa, como a palavra de Deus, porque engendra seres novos, como aquella palavra magestosa resôando no meio do cáhos. Porém é necessario que a educação vá animada do espirito de Deus, para que tenha a efficacia creadora e fecundante de sua palavra.

A educação sem Deus, a educação materialista, que não considera o homem sinão como uma machina bem organisada, que não tem mais norma que a moral utilitaria, pode polir o corpo, aperfeiçôar forças physicas e organicas: porém mata o espirito e tudo que se refere á alma immortal, afogando doces ideaes, aspirações sublimes, sentimentos nobres, fagueiras esperanças, convertendo o ser racional em uma féra temivel ou em uma machina espantosa, cujos membros ou cujas peças se desgregarão algum dia, sem que nada sobreviva a seus pulverisados elementos.

Desgraçadamente, apezar de dolorosos e terriveis ensaios, tende ainda a predominar essa educação, que antes é destruição, a-

pezar dos nobres esforços dos homens sensatos que proclamam a crença em Deus como a alma da verdadeira educação, da educação que fórma os filhos respeitosos, os esposos fiéis, os paes sollicitos, os obreiros modestos, os cidadãos rectos e patriotas, em uma palavra, o homem instruido e virtuoso.

E' de esperar, sem embargo, que semelhantes tendencias não triumpharão definitivamente por mais que hoje se offusque uma grande parte da juventude; porque reaccionarão no momento supremo os direitos incontrastaveis do espirito humano e da consciencia naturalmente christã; mais ainda, obrigarão á reacção, e a historia dos systema de educação materialista e até a dos presentes tempos passará aos vindouros como um baldão para a civilisação e progressos de que se jacta com justiça o seculo que vai expirar.

E, graças a Deus, a reacção já começa, iniciada pelos grandes estadistas, que commovidos ante a invasão espantosa do vicio

e corrupção pelo ensino sem Deus, proclamam a necessidade da religião e do ensino religioso.

Assim Julio Simon, fallando da reforma social, disse:

«Entre outros remedios a que necessitamos de recorrer, porque não pode haver um remedio unico, assignalo um cuja urgencia não se porá em duvida. E' a reconstituição dos costumes e crenças na familia.

Ah! as escolas carregadas de ensino technico e privadas de ensino religioso e moral; a religião, não só transcurada, sinão ultrajada: todas as liberdades sacrificadas a uma pretendida liberdade de não crêr, e as antigas cruzadas da fé substituidas por uma eterna cruzada contra a fé; e neste caso que podem chegar a ser os meninos e os adolescentes em uma vida assim organizada e assim preparada?

E' de extranhar que, não tendo já nem regra se deixem arrastar pelo prazer e vicio?...

Reformae a litteratura: reformae as escolas, deixae de propagar a impiedade.

Tal é o remedio que pode oppôr-se á invasão crescente da miseria moral.»

II

Comecemos agora a expôr a natureza da verdadeira educação; e desde já recordamos que a palavra *educação*, exprime o trabalho aturado, por meio do qual se leva o homem ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de sua natureza physica e moral, isto é, de toda a pessôa humana. Educar o homem é formal-o, é quasi creal-o; porque o homem vem á vida tão debil, que é necessario robustecel-o, dirigir e cuidar em uma palavra, de aperfeiçoal-o por meio da educação.

Differe-se nisto dos animaes irracionaes, que não teem outra necessidade que a de ser alimentados, visto que o organismo

d'elles se desenvolve sómente pela energia de suas leis em todo o seu ser; esta differença é a manifestação da superioridade do homem.

O homem não é sómente um ser physico; si não fosse mais que isto, a natureza, ao depôl-o nú sobre a terra, ella só conduzil-o-hia á plenitude da vida; porém como é principalmente um ser moral, seu desenvolvimento não é possivel sinão por uma acção distincta da que se exerce exclusivamente sobre seus orgãos. O homem não chega sinão lentamente e por gráos ao exercicio da intelligencia, nem pode chegar por si mesmo, como o animal chega ao exercicio de suas faculdades: e necessita da communicação intellectual com seres da mesma natureza, já formados; e esta communicação é laboriosa e delicada: segue o desenvolvimento das forças physicas, que tambem se verifica lentamente, como para prestar-se a este grande trabalho da formação ou educação do homem, obra a maior e mais augusta na humanidade; de

maneira que o que parece ser um signal de fraqueza no homem é uma prova de preeminencia, e cuja propria grandeza demonstra quão elevados são seu destino e grandeza.

D'estes preliminares se deduz o caracter verdadeiro da educação.

Educar um homem não é aperfeiçoar um corpo organisado, é desenvolver um ser moral; e sem embargo o homem não é um puro espirito, é ao mesmo tempo um ser material; d'onde se segue que a educação dá logar a cuidados infinitos e de diversa natureza, ainda que todos devem referir-se ao ser moral. Em outros termos, a educação repousa em principios e leis que, sem duvida, se conformam com a natureza do homem, porém que não poderiam produzir por si mesmas todos os seus effeitos.

O homem tem necessidade do homem, e é por esta razão que não se completa e se aperfeiçôa sinão no estado de sociedade; quanto mais perfeita é esta, mais seguro

está o homem de obter os meios de chegar á sua perfeição. Assim pois, foi um monstruoso systema, separar a educação de toda a acção social, isto é, de insular o menino e formal-o como para a vida dos bosques. Rousseau foi o auctor de semelhante pedagogia e o seculo XIX deu ouvidos a esta chiméra, que ainda não ha desapparecido totalmente.

Assim, o que o homem recusa nos tempos modernos, por um individualismo exagerado, é parecer que obedece a um pensamento, repellindo a lei de mutua solidariedade. Sob a impressão de tão extremado e triste orgulho, tem-se pretendido que a educação seja livre de toda crença anterior, de toda a fé transmittida, de toda regra acceita. Desenvolvem o homem por meio de certa instrucção technica, deixando-lhe a liberdade de adherir depois pela razão ás leis que julgue conformes á natureza moral de seu ser; de maneira que se vê abandonado na epocha mais critica das paixões, sem que a sociedade lhe preste o cabedal

adquirido de principios moraes e religiosos para a epocha mais difficil da formação do homem, a juventude.

Estava reservado á incredulidade moderna condemnar como depressivo para a liberdade do homem o ensino religioso, e pondo-se em contradicção com o que foi dogma inconcusso da mesma antiguidade pagã, sustentar que na educação dos meninos se deve prescindir de toda a religião positiva, fundando-se pura e exclusivamente na moral racional, que tem sua origem e sancção na consciencia, e na instrucção d'aquellas sciencias ou artes profanas que melhor conveem ao tenro entendimento dos alumnos.

O sophisma em que se fundamenta similhante doutrina, si já não é filho de um animo ferozmente hostil ao catholicismo, não póde ser de mais grosseira contextura. Porque si aos meninos não se lhes deve ensinar a religião sob o pretexto de que a ninguem é licito impôr-lhes uma religião determinada, que depois, quando forem livres,

póde pelejar com suas inclinações e tendencias; pela mesma razão não será licito impôr-lhes uma moral determinada, uma historia, uma geographia ou uma sciencia qualquer, pois talvez, no correr do tempo, possa não ser de seu gosto.

Si a consciencia, no entender d'esses senhores, é livre nas materias religiosas, com muito maior razão ha de sêl-o nas scientificas ou moraes. Logo, das duas uma: ou devemos condemnar esse raciocinio por eminentemente absurdo, ou pelo contrario, dever-se-ha crear nossos jovens, segundo opinava Rousseau, em estado selvagem, e haveremos de proscrevel-os da escola até a epocha em que, tendo já elles sufficiente discernimento para guiarem-se a si mesmos, decidam si convém-lhes esta religião ou a outra, esta sciencia ou aquella.

Eis aqui o systema da incredulidade moderna. E' a educação de uma sociedade que bambaleia com o peso da duvida, que despoja o homem de toda regra e entrega-o a todos os tormentos e a todas as enfermidades

do scepticismo em moral e religião, preparando gerações para a impiedade, a corrupção e a anarchia.

E não exageremos; autores e publicistas modernos, pouco suspeitos de parcialidade, têm-nos advertido acerca dos horriveis effeitos do systema leigo, sem religião: escutemos suas palavras: «Que é a instrucção sem Deus? — Um perigo espantoso para a sociedade» disse M. Guizot. «A realisação de uma idéa louca e eminentemente perigosa», segundo lord Derby. «Um systema pernicioso», segundo Gladstone. «Uma violação dos direitos da consciencia humana», no dizer de Roberto Peel. «Um vehiculo de scepticismo», segundo Le Play. Uma potencia para o mal», segundo E. Rendú. «Uma utopia anti-social», segundo J. Janin. «Um perigo publico», segundo C. Rogier. «Uma ameaça de anarchia», no dizer de J. Lebeau.

E em verdade; só a religião encerra os principios e as leis da educação; «sem religião, disse Guizot, não ha educação» porque careceria de base. Com effeito, a educação começa

na familia, onde, a despeito dos philosophos e dos politicos, encontra uma inspiração mais poderosa e mais santa que todas as theorias: o amor. O officio do pae e da mãe na educação tem sido indicado muitas vezes; pelos cuidados da familia é que o menino aprende a fazer-se homem; e não se acredite que basta para isto deixar á natureza sua liberdade.

Alguem tem dito que a natureza do menino não está inclinada ao mal; porém é um grave erro: a natureza humana está cahida e é necessario levantal-a: eis aqui todo o segredo e principio da educação. Portanto quantos combates, artificios, inquietações para a formação do menino! A vida de uma terna mãe se exgota nestas luctas de amor, e a autoridade paterna tem necessidade de intervir frequentemente com energia.

A educação de um menino é a triste revelação da decadencia da humanidade; e eis ahi porque a familia por santa que seja sua missão, é impotente para cumprir sua magna obra, si a religião não intervier em seu auxilio.

Existe uma edade em que o menino tem necessidade de saber que alem da autoridade paterna, existe um poder mais augusto, que é a sancção de toda a autoridade e de toda a obediencia: então se lhe diz o nome de Deus. E cousa extraordinaria! esta intelligencia apenas esboçada, escuta esta palavra sagrada com uma emoção encantadora. O menino busca Deus em suas obras, e o que a razão plenamente desenvolvida não póde abranger, adivinha-o esse tenro espirito; e a partir desd'esse momento a educação encontra um principio poderoso para dirigir uma natureza rebelde, para combater inclinações ingratas, e tambem para impôr deveres difficeis e inspirar formosas virtudes nascentes.

A religião contem, pois, o principio energico e saudavel da educação: ella toma o menino no berço, bemdiz sua entrada na vida, depois segue-o passo á passo, dirigindo-o e animando-o nos caminhos da vida; abre sua intelligencia a noções sublimes e lhe revela verdades que a razão dos maiores philosophos não houvera siquer suspeitado.

Porém advirta-se que esta interessante e elevada acção e influencia da religião se faz sentir e deve entremeiar-se em todos os demais cuidados que rodearão o menino, sem prejudicar a nenhum, antes bem elevando-os.

Os mestres o instruirão, e variados estudos adornarão seu espirito juvenil, assim como as artes elegantes se unirão ás sciencias sérias, porém tudo isto não é a educação. Nem a variedade dos conhecimentos, nem o poder da razão imporão ao homem uma virtude, nem um sacrificio, nem siquer uma méra conveniencia; é necessario remontar a algo de superior para encontrar a razão dos deveres e obrigação da vida humana. E isto quer dizer que a religião deve estar sempre presente no trabalho sublime pelo qual se realiza essa obra ás vezes divina e humana, que se chama o homem, ser moral e imagem de Deus.

Assim se explica a differença que existe entre instrucção e educação. Um homem instruido póde não ser um homem bem criado, educado; do mesmo modo que o homem bem

criado póde não ser pessoa douta. A perfeição da educação é a instrucção unida á urbanidade e moralidade, a sciencia unida á virtude; é a cultura da intelligencia unida á cultura e formação do caracter. Quam grande, santo e meritorio é o trabalho do homem applicado á educação do homem; porém quam horrivel é applicado á instrucção sem Deus!

III

Tem-se perguntado si a educação é melhor dada na familia ou no collegio, quando o menino passa já á juventude. A duvida não teria logar si a familia deixasse a sufficiente liberdade a tão esmerados cuidados, porém quem o ignora? O pae deve occupar-se dos grandes assumptos e a mãe dedicar-se aos cuidados internos e mais delicados. A educação completa é impossivel no meio de tantas attenções da vida; é portanto, neces-

sario recorrer ao collegio, é até conveniente ás exigencias de sociabilidade e attrito dos caracteres e temperamentos.

Sem embargo, esta necessidade faz extremecer muitos corações, e com razão; pois quanto não devem reflectir os paes de familia e quanto cuidado não devem empregar afim de acertar no mandar seus filhos a estabelecimentos e collegios onde se dê a verdadeira educação, hoje tão raros, porque só se attende a instruir, olvidando a parte essencial da educação, a moral e a religião? E não obstante devemos reconhecer que nesta parte, uma grande maioria se preoccupa mui pouco da escolha de collegios para seus filhos; d'onde resulta que não existe alliciente para os bons estabelecimentos de educação.

Ainda que este seria o logar de expôr a verdadeira theoria da educação, não faremos mais que breves indicações. Tudo entra nella; as cousas sérias, necessarias e as de adorno e erudição; a piedade e as diversões, a historia, a sciencia e as artes. Educar o homem é formal-o intellectual e moralmente:

a educação é o aperfeiçoamento do homem social. Um grande mal da educação consiste em não encontrar sua regra e sua norma na sociedade; em nossos dias tudo está submettido ao capricho; as opiniões são infinitas; o arbitrario reina nas crenças como na moda. Já não ha fé commum; os costumes não têm freio e cada dia o proprio pudor desapparece, quer no salão, quer no theatro, tanto nos livros como nas ruas. Não devia, portanto, resentir-se cruelmente a educação d'este desconcerto e descalabro nos costumes e nas idéas?

A educação carece de nervo e de vigor, porque a sociedade carece de autoridade, não sabe fazer-se respeitar: a liberdade individual tem-se convertido em devassidão: o vicio tem-se feito descarado e a pornographia se vê triumphante e até applaudida.

Existe outro mal que tambem é profundo: consiste em que numa sociedade assim constituida nada existe que possa elevar e exaltar as almas; portanto, a educação não póde inspirar os grandes deveres da vida

publica: o patriotismo, a abnegação, o espirito de sacrificio, tudo o que houve de heroico nas grandes epochas christãs, tudo isto se apagou ante um Scepticismo dourado com a nomenclatura de certos direitos e deveres que parecem derivar unicamente de uma especie de conveniencia externa; a educação carece de interesse porque a sociedade politica carece do enthusiasmo e muito mais de grandes exemplos de nobre civismo.

Porém ficam deveres privados que sobrevivem ainda em uma sociedade decadente. A educação forma o homem em seus deveres; ella o faz esposo fiél, bom pae, filho respeitoso e amigo sincero; de maneira que os escandalos, as intemperanças, os adulterios, os desacatos não significam sempre, como poderia crêr-se, naturezas perversas, sinão que mais bem revelam uma educação viciosa e sobre tudo sem religião, garantia suprema da ordem moral.

Alli onde a educação tem predisposto homens a respeitar, honrar e amar o que

é moral e legitimo, as virtudes se produzem por si mesmas e florecem; alli onde a educação tem deixado a alma indifferente aos espectaculos do vicio e da desordem, o mal se faz contagioso e sem desdouro na reputação: torna-se moda.

A sociedade salva-se ou perece, conforme a uma lei severa ou condescendente que se dá ás almas, aos espiritos, ás opiniões e aos costumes.

O mesmo succede nas familias: si buscamos a causa de sua decadencia e de sua ruina, em geral encontramol-a na educação dada aos filhos. Si os criámos com mimos e na molleza, criámol-os para a decadencia. A educação, a poder de refinamento e de luxo, tira ás almas e aos caracteres sua virilidade e energia: corrompem-nos pelas delicias e prazeres, e então quando chega a hora do trabalho, da preoccupação do porvir, o homem que tem sido criado no meio de commodidades sempre asseguradas, e já seja por uma cobardia desesperada, já por uma céga temeridade, gasta sua fortuna e chega á abjecção.

A educação moderna, assim considerada, é quasi sempre desastrosa: criam-se os meninos com o mesmo luxo e commodidades; e com o pretexto de fazer amar os estudos rodeando-os de explendor, têm-se feito crêr aos discipulos que sua vida estava destinada á mesma cultura e elegancia e ás mesmas vocações. Quanto descontentamento tem-se incutido nas almas, quantas naturezas se têm envenenado, e á quantas existencias se têm enganado, dando equivoca direcção ás suas legitimas aspirações, trocadas por illusões irrealisaveis! Os filhos de familias humildes, menosprezando seus paes, porque erão operarios, têm buscado outro modo de vida que os têm precipitado no crime.

A educação tem-se tornado sensualista: descura dos espiritos e se occupa dos sentidos, do corpo. Possuimos a arte hygienica de regular os dormitorios, as aulas, os estudos; sabemos o que cem meninos reunidos podem absorver ou viciar do ambiente em um exercicio de uma hora; sabemos os processos por meio dos quaes o corpo deve variar de posição e mo-

vimento para fortalecer-se e desenvolver-se. Temos nestas materias dados technicos e seguros, de maneira que nada é mais correcto que esta disciplina e esta hygiene escolar.

Porém da direcção das almas, da formação dos caracteres, do trabalho da razão, do regime das idéas, das vontades e affeições, pouco é o cuidado que se tem: deixa-se a natureza em um espontaneo desenvolvimento, e Deus sabe onde vae parar uma natureza inclinada ao mal e com germens de paixões sempre indomitas em si!

Não é possivel reconduzir a sociedade ás leis da ordem e acalmar os soffrimentos que nos hão deixado as convulsões politicas e civis, sinão por meio de uma direcção mais acertada da educação. Fazem-se leis sobre ensino, multiplicam-se as escolas, variam-se os methodos, multiplicam-se os estudos; porém esquecem-se de formar homens, cidadãos, homens civilisados no verdadeiro sentido moral e religioso. Por isso perpetuamos nossas miserias dando-lhes somente distincta apparencia ou aspecto.

IV

Ao tratar da educação, haveria tres pontos importantes a dilucidar, porém bastará indical-os.

A educação dos meninos. Como não recordar que a mãe é a primeira instituidora de seus filhos, e é o mais santo dos deveres? E não é somente o menino que obedecerá á acção da mãe; é sobretudo o homem. Somos ingratos para com a mulher, ainda é quiçá por sua culpa, quando não cumpre ou descuida da sua divina e grande missão. Nós não sabemos, e talvez nem ella sabe, que o que Deus lhe tem dado de influencia é imperio sobre nossa vida. Ella tudo póde; fallamos da mulher forte, intelligente e christã; ella tudo póde na educação do homem, e é necessario compadecer-se de uma sociedade que tem deixado perder uma potencia moral tão doce, insinuante e natural.

A' mãe succede o pae; ainda ás vezes enfraquece a obra d'esta em vez de completal-a; porém póde ser supprida pelo mestre.

E então se apresenta o problema dos *estabelecimentos de educação*; dil-o-hemos tudo em uma só palavra: o estabelecimento de educação não é possivel si não fôr ao mesmo tempo um templo de moral e religião; sinão, se formará um povo feroz e corrompido, no dizer de Portalis. E quantos paes de familia ha que descuidam d'isto?

E a educação das meninas? Com este titulo publicou-se um livro immortal, sahido da penna e do coração do grande Fénelon: livro antiquado, dir-se-ha, julgando-o em relação a nossas necessidades e a nossas vaidades; porém, livro de todos os tempos, considerando-se relativamente aos formosos ensinamentos que contem. A vida da mulher deve hoje em dia, como antigamente, estar coberta com o sagrado véo do pudor que é o mais bello adorno de sua dignidade. Por isso ao explendor das artes deve pedir-se-lhes que

ajuntem a modestia das virtudes. E que dizer a um seculo de luxo e explendor material? Que em nada d'isso estará a grandeza e dignidade da mulher, da qual se exige ao contrario que esteja adornada de talento e de piedade. E' nella, sobretudo, que o christianismo derrama seus dons mais puros; e assim tambem nada é mais repugnante e triste que uma mulher ingrata para com a religião que da antiga escrava, ha feito d'ella um ser livre e a rainha do lar na sociedade moderna. Uma mulher incrédula, disse um celebre autor, está algum tanto mais abaixo de uma mulher cynica, além d'isso, não se póde saber o que uma mulher incrédula póde não ser.

Sobre a educação do povo se poderia fazer um livro inteiro, ainda que nada se teria que ajuntar aos ensinos mais elementares do christianismo. A educação do povo tem sido falseada desde o dia em que se fez leiga, sem religião. A primeira escola do povo é o templo que, por ser escola do christianismo é a melhor cathedra de civilisação. Têm-se dado ao povo mestres

encarregados de apartal-o da religião; isto era conduzil-o á barbaria pela instrucção; já o dizia Girardin: crear escolas sem religião é organizar a barbaria, a barbaria moderna, a anarchia e a corrupção, peior que a barbaria dos povos nomades.

Ensinar a lêr e a escrever ao povo não é educal-o, é quasi sempre corrompel-o; para que o povo leia utilmente, é necessario que uma lei moral lhe dê o discernimento do verdadeiro e do falso, do bom e do mau. Tem-se pervertido a educação do povo por uma instrucção necessariamente incompleta, de méras nomenclaturas, porém que enchem de orgulho e vaidade por crêrem-se sabios os que as possuem; têm-no instruido, porém arruinado os singelos e modestos costumes populares.

D'antes a educação estava melhor encaminhada ao seu verdadeiro destino e missão; e em verdade, a educação, e isto se applica a todas as posições e classes sociaes, é o meio geral de conduzir o homem á perfeição e portanto á felicidade. Façam-no amar a virtude,

o trabalho, a moderação; tirem de seu pensamento as chimericas utopias, as esperanças culpadas, as cobiças e ambições crueis; exaltem seu espirito para o grande, o bom e bello; predisponham-no e o inclinem á benevolencia e confraternidade; apartem-no da inveja e do odio na desegualdade necessaria de fortuna, talento e virtude; façam-no capaz, ás vezes, de sacrificio, de valor e de modestia; esta é sua santa missão; porém é tambem por esta razão que deve ser christã a educação. Sem um principio que se imponha á vontade, a educação é um trabalho exteril: dirige um animal, porém não forma um homem. A educação leiga, meramente civil póde occultar e dissimular defeitos, dar um verniz exterior; a educação christã produz as virtudes, porque só ella realiza a encarnação do Evangelho no individuo e na sociedade; e é sabido, no dizer de Lamartine, que a civilisação não é nada mais que o verbo evangelico mais ou menos encarnado na sociedade moderna.

V

Exposta, ainda que a grandes rasgos, a verdadeira natureza da educação, que deve ser essencialmente religiosa, queremos confirmar nossa demonstração servindo-nos para isso de autoridades imparciaes, começando pelos antigos, que nos dão formosissimas lições.

«Si vosso sapateiro, dizia Platão, é mau operario e vos faz ruim calçado, ou si passa por sapateiro sem o ser, isso não vos occasionará grave damno; porém si os instituidores de vossos filhos o forem só de nome não vêdes que arrastariam á ruina a vossa familia, e que d'elles sós depende a conservação de vossa honra?» E ainda: «O legislador não dará á educação o ultimo nem o segundo logar em seu pensamento. Comece, si quizer occupar-se dignamente d'ella, por buscar o cidadão que melhor cumpra com seus deveres; só a este se deve confiar a juventude.»

«Não tomar em conta a virtude, dizia Plutarco, é sacrificar o que ha de mais es-

sencial na educação. E' preciso que o preceptor reuna a um grande fundo de sabedoria e experiencia, costumes puros e uma conducta irreprehensivel; de outra sorte tudo está perdido. A bôa educação é a fonte de todas as virtudes; porém com uma condição rigorosa, e é que o mesmo preceptor seja virtuoso; em tal caso, á maneira que os jardineiros põe arrimos ao lado dos arbustos para sustel-os, o bom preceptor rodeará, por assim dizer, seu joven discipulo do duplo appoio de seus preceitos e de seus exemplos para impedir que se pervertam seus costumes.»

Quintiliano queria que os paes só confiassem a educação de seus filhos á homens de uma virtude consumada: *præceptorem eligere sanctissimum*. E emquanto á collegio, dizia: «E' necessario preferir a casa em que reine a disciplina mais severa e perfeita.»

«Com a ajuda do céo, dizia Plinio a uma senhora romana, confia esse menino a um homem que lhe ensine primeiro que tudo

os bons costumes e depois a eloquencia, a qual sem os bons costumes, não é mais que uma sciencia má. E' necessario escolher para elle um mestre cuja virtude, pudor e severidade, de costumes sejam irreprehensiveis.»

Taes devem ser, ainda no juizo dos pagãos, as qualidades que adornem o educador da juventude, e não póde ser por menos. Sua delicadissima missão consiste em formar, mais todavia com o exemplo que com a palavra, esses corações juvenís, brandos como a cêra, nos quaes grava-se para sempre a imagem d'aquillo que em seus primeiros annos viram nos homens que lhes foram dados por monitores e modelos.

Em um livro corôado pela Academia Franceza, sustentava Wilm, como fructo de seus estudos e larga experiencia, não somente que a religião é base indispensavel a toda bôa educação, sinão tambem que é *condição essencial da educação religiosa, que o mestre esteja animado de um vivo sentimento religioso.*

« Não é bastante tampouco, disse o Conde de Frayssinous, ensinar vagamente a religião aos meninos; o ponto capital é fazer que tomem affeição a ella, que a amem e pratiquem-na. E que zelo ter para fazel-a penetrar na alma dos meninos aquelle que não tenha a sua penetrada d'ella? Que interesse terá em persuadil-a aos demais, o que interiormente não vê nella sinão fabulas e para quem os mysterios christãos são o mesmo que a mythologia dos gregos ou da India. »

Em todos os estabelecimentos de educação mantidos pelo Estado em França, dizia M. Marty, os meninos que nelles se educam não podem viver como catholicos sinão com a condição de viver de uma maneira differente de seus superiores. Os paes e as mães que sabem o que se passa no lyceu, e deveriam sabel-o todos, vêm-se obrigados a dizer a seu filho ao introduzil-o em seu recinto: Não te deixes arrastar pelos exemplos que se vão apresentar á tua vista, e não abandones a pratica da religião!..... Não imites teus superiores!..... Singular recommendação a

um filho, a de não imitar as pessôas a quem o deixam confiado, ás quaes se depositam todos os deveres paternos e a quem se traspassa a grande missão de educal-o!

Veja-se, pois, o cuidado que devem ter os paes de familia na escolha de collegios e de mestres.

« A instrucção, dizia Cousin perante a Academia de Sciencias Moraes, só é mais um poder junto a outros...; e o augmento de instrucção não traz de modo algum o augmento de moralidade. Por conseguinte, é necessario converter a instrucção em educação. *Não é a instrucção a que moraliza; é a educação, cousa mui differente, e sobretudo a educação religiosa.* »

Sobre o mesmo ponto chamava Portalis a attenção, dizendo: « Não ha instrucção sem educação, e não ha educação sem moral e religião. »

Os directores dos diversos estabelecimentos penaes de França em um informe pedido pelo Governo d'aquelle paiz resumiam seus juizos do seguinte modo:

« Em gèral, os individuos que hão recebido os primeiros principios da instrucção elementar antes de ser condemnados, são de todos os prisioneiros os menos susceptiveis de uma verdadeira emenda, e os que hão levado sua primeira educação até certo gráu de elevação são, com poucas excepções, totalmente incorrigiveis. Alguns ha cuja instrucção é completa, ainda póde dizer-se esmerada... esses se fazem professores de uma sciencia, a do crime. Resulta de nossas estatisticas que *a criminalidade augmenta em razão directa da instrucção.* A instrucção nos individuos já contaminados pelo vicio, é mais uma arma má que se lhes dá contra a sociedade. »

Em bem semelhantes termos se expressa Lauvergne, medico chefe dos presidiarios de Toulon.

« Além d'isso, dizia M. Moreau Christophe, inspector geral de prisões, a estatistica dos reincidentes demostra agora, por não poder já duvidal-o, que quanto mais perversidade suppõe o crime commettido, suppõe tambem maior instrucção no culpado. Deve inferir-se

d'isso que a ignorancia debilita as inclinações criminosas do homem, ao passo que a instrucção as fortifica e desenvolve? Não permitta Deus que eu profira jámais semelhante blasphemia! O mal que provém da intelligencia, vem unicamente do modo de cultura, não da mesma cultura.

O systema actual de cultura vicia e neutraliza a semente em seu germen, e só produz o solo fructos inuteis e perigosos. Tudo, com effeito, no ensino de nossas escolas sacrifica-se ás satisfacções do corpo e do entendimento; nada ou quasi nada se tem reservado para o desenvolvimento das faculdades da alma, das qualidades do caracter e o coração... *Sem a educação*, a instrucção nada mais é que um instrumento de ruina ».

M. de la Farelle, membro correspondente do Instituto de França e cuja autoridade não póde julgar-se suspeita, propõe esta questão: « O sentimento religioso puro e abstracto, ou acompanhado somente do *ensino* moral que d'elle emana póde ser sufficiente? » E responde:

« Creio que não. Sem querer de maneira alguma transformar esta questão, que é aqui puramente social, em uma questão de controversia e de fé, considero demonstrado em theoria, e mais ainda pela experiencia, que os sentimentos religiosos e moraes têm necessidade de revestir-se, aos olhos dos homens, e com maior razão aos olhos dos meninos, de uma fórma correcta e precisa; que necessitam de apoiar-se sobre um systema de dogmas, de ligar-se a um corpo de doutrinas, de materializar-se em um culto visivel; que necessitam, em uma palavra, de condensar-se em uma religião positiva. »

Julgamos tambem muito a proposito reproduzir o seguinte dictame que dissera o Conselho de Instrucção do Departamento de Nantes da nação franceza, disse assim:

« Considerando que a experiencia attesta cada dia mais a insufficiencia do ensino moral nas escolas primarias, si não se tomam como base essencial os deveres para com Deus e a obediencia que á sua lei é devida:

Considerando que esta insufficiencia resulta claramente demonstrada das relações e documentos officiaes pelos quaes tem se querido guiar a mesma Administração:

Considerando, além d'isso que a estatistica geral da justiça criminal demonstra uma progressão lamentavel nos crimes e delictos commettidos pelos meninos e os jovens, dos quaes hão comparecido cerca de 29.000 ante os tribunaes no breve espaço de um anno.

Considerando que os suicidios de meninos e adolescentes, cousa quasi desconhecida até hoje entre nós, têm se multiplicado desde já alguns annos a tal ponto que alcançaram a aterradora cifra de 443 no mesmo anno:

Considerando que ha grande fundamento para vêr uma estreita relação entre esta dolorosa estatistica e o desenvolvimento do novo systema de educação primaria já que a instrucção moral que se dá ao menino fica evidentemente desprovida de toda a autoridade e de toda sancção, si não apoiar-se completamente nos grandes principios de

ordem religiosa e especialmente no conhecimento de Deus, como norma de toda a justiça e soberano senhor dos homens; na plena obediencia que á sua lei se deve, e na necessidade de uma vida futura onde cada homem alcançará o destino immortal que para si mesmo tiver elaborado aqui sobre a terra com suas obras:

Considerando que semelhante situação é symptoma de um perigo social e nacional da maior gravidade, perigo que é urgente afastar:

O Conselho é DE PARECER que nas escolas primarias do districto não se separe nunca a moral da Religião, e que se considere o ensino dos deveres para com Deus como a base fundamental e necessaria de todos os deveres que affectam o homem, e que para conseguir este resultado, recebam as leis publicas todas aquellas modificações que forem necessarias.»

O testemunho que acabamos de copiar é demasiado eloquente para que necessite de algum commentario.

VI

Queremos terminar esta demonstração contundente de autoridades irrefutaveis, por pertencerem ao campo inimigo, com a citação de um artigo mui significativo do diario liberal, *Le Soleil* de Pariz, intitulado «Sementeira de criminosos» que faz mui sensatas considerações sobre os resultados desastrosos do ensino sem religião, baseando-se em factos innegaveis. Ouçamos suas notaveis reflexões:

«A perversão da juventude é um dos factos mais dolorosos e afflictivos de nossa época. Os mais horriveis crimes são commettidos por jovens, quasi por meninos.»

A que deve attribuir-se a extensão da criminalidade nas fileiras da juventude?

A' falta de educação religiosa, declaram, sem vacillação alguma, homens de sciencia, anthropologos e criminalistas distinctos. Interrogado M. Manouvrier, successor de M. Broca em sua cathedra de anthropologia responde:

« O homem será o que o fizerem em seus primeiros annos. Aos doze, já está formado e seguirá a direcção que se lhe haja imposto. Isto deve ter-se presente em nossas escolas, nas que se dá um logar inteiramente secundario á moral ».

M. Guillot, que mais que ninguem tem tido opportunidade de estudar esta materia, pronuncia-se em egual sentido que M. Manouvrier, porém com mais nitidez:

« Em minha larga carreira de juiz de instrucção, eu cria ter visto até o fundo a corrupção humana. Porém esse fundo sómente o conheci verdadeiramente desde que me tenho encarregado da instrucção dos meninos.

Pensem tudo o que quizerem, no ponto de vista metaphysico, acerca da religião; o que é certo, é que, para o menino sobretudo, elle é um elemento civilisador, e o mais poderoso de todos. O menino que se crê visto por Deus, seguido por Deus, castigado por Deus, portar-se-ha de um modo completamente distincto do que si só se esforçar por subtrahir-se a um olho humano, que não o vê em todas as partes, que não o segue aonde quer que vá. Hoje a religião vê-se desterrada, não sómente das escolas officiaes, á *leiga*, sinão tambem de muitas familias nas quaes aos filhos já não se lhes ensina o cathecismo, nem procuram que façam a primeira communhão. E que succede então? M. Guillot vae dizer-vol-o: « Com o desapparecer do idéal religioso, vem geralmente o abandono de todo o ideal. A patria, a familia, o dever, são palavras que fazem sorrir tanto como a palavra religião. Nada mais então fica que a lucta pela vida, as necessidades constrangedoras, os instinctos impulsivos.

E não estão destinados a ir ao suicidio, ao carcere, e quiçá ao cadafalso, esses meninos educados no desprezo de toda a idéa religiosa, cujos instinctos não reprime já o temor de Deus, e que na edade na qual d'antes jogava-se aos soldadinhos ou com bonecas, apostam já « para vêr quem é mais habil em commetter actos immoraes, que nem nomear-se podem entre christãos? »

Os que têm abolido a Deus, segundo a phrase de um celebre communista, contam para combater o exercito do crime, com a policia e a magistratura.

«Não precisamos de Deus, exclamam, temos policias.»

Creio que uma sociedade que só conta com a policia para sua defesa, seja uma sociedade mui mesquinha e enferma.

O criminoso sempre espera que poderá escapar das mãos da justiça. E por outra parte, um criminoso friamente resolvido não teme nem o carcere nem ainda o cadafalso.

A falta de todo o credo religioso, a educação sem Deus, conduzem ao crime innobre e vil, como arrastam até ao crime atroz e monstruoso.

Leroy Beaulieu escrevia:

«Não devemos dissimulal-o, é um facto averiguado, uma verdade que se impõe; uma vez que tem desapparecido o sentimento religioso, a unica barreira que resta contra o desencadeamento dos appetites é a força.»

E o philosopho italiano Nitti, adoptando e desenvolvendo o juizo de M. Leroy Beaulieu, disse em seu formoso livro sobre o socialismo:

«A ausencia de fé religiosa, a certeza de que as acções humanas não terão castigo nem premio na outra vida, têm produzido um decahimento profundo, e por conseguinte, uma necessidade profunda de derribar violentamente as instituições consideradas por elles como causa da miseria actual. O socialismo anarchico é certamente um derivado indirecto das tendencias antireligiosas.»

Este illustre pensador, vê no ensino de Jesus Christo o unico dique que póde oppôr-se ao socialismo revolucionario e ao anarchismo.

No fundo, é a mesma opinião de M. Faurés, que desde a tribuna da camara franceza, dirigindo-se aos franc-maçons e aos livre-pensadores da maioria republicana, exclamava:

«Vós sois os responsaveis pelos crimes commettidos (pelo anarchismo) porque ha-

veis patrocinado a educação sem Deus, que engendra monstros de orgulho e atrocidade, e brutos ebrios de luxuria e sangue. Imbuidos nas doutrinas da sciencia moderna têm menosprezado a hypothese —Deus.»

Proclamemol-o bem alto, em nossa sociedade que tem proscripto o ensino religioso, não póde haver moralidade, nem verdadeira liberalidade. Essa sociedade em que o exercito do crime se recruta entre jovens, fazendo-se cada vez mais numeroso e ameaçador, está chamada a perecer nos braços da anarchia, sinão se inclinar debaixo da mão de um tyranno, de um Tiberio ou de um Marat.

E referindo-se aos crimes anarchicos que fizeram estremecer a sociedade, accrescenta: «Em o fundo, não é a ausencia de toda a idéa religiosa que tem conduzido ao crime esses criminosos? Emquanto tem desapparecido o sentimento religioso os appetites brutaes se têm desencadeado... Mandae vir agora os vossos juizes e policias vós que haveis

desterrado a Deus do ensino... Os proprios criminosos mofarão de vós sobre o mesmo cadafalso.»

Poderiamos accumular outras autoridades sobre o assumpto; porém não são necessarias, e terminaremos com esta reflexão:

Pobre sociedade, que se vê ameaçada e perturbada pela instituição magna que devia constituir sua esperança suprema de regeneração, de aperfeiçoamento e civilisação: a educação! E porque? porque quer prescindir de Deus, da religião; e sem Deus nada é possivel; a mesma educação se converte em elemento efficaz de decadencia e ruina.

Paes de familia, cuidae mui seriamente da educação que procuraes para vossos filhos: d'isso dependerá a felicidade e o porvir da juventude, e por conseguinte, da sociedade. Não vos esqueçaes da energica sentença do philosopho Cousin: «Deveriam ser arrastados ante os tribunaes os paes de familia que levam seus filhos ás escolas em que não se ensina religião.»

Roguemos, pois, amados catholicos, afim de que seja encaminhada á sua verdadeira missão a educação publica e particular em nossa amada patria, para que o Senhor lhe conceda um brilhante porvir, que não se conseguirá sem pôr Deus como fundamento do edificio social e da educação: «*Nisi Dominus ædificaverit domum, in vanum laboraverunt qui ædificant eam*».

D. MARIANO,

Bispo de Montevidéo.

INDICE

APPENDICE